

A tróica está de quarentena

Atróica Delfim, Galvães, Langoni está tão por baixo, que diante dela, até o PDS engrossa o pescoço e recusa sua companhia. Basta ler o noticiário de ontem em que os dirigentes do partido situationista dizem, alto e bom som, que não foram cheirados nem ouvidos em relação ao próximo pacote econômico-financeiro que já detonou irritadas reações na reunião de sua bancada na Câmara.

Não há novidade no fato de que a tecnocracia não dá a menor bola para o partido oficial quando edita suas políticas. Afinal, sabe errar sozinha. E como sabe!

O que há de inusitado, porém, na postura do PDS é seu deliberado distanciamento diante da política econômico-financeira e de seus gestores, o que deixou muita gente de orelha em pé no Congresso. E gerou uma série de especulações.

O PDS não quer acordo com a trinca que gera a política econômico-financeira porque não pretende se contaminar com sua impopularidade que atingirá o paroxismo, a partir do pacote de segunda-feira. Inclusive porque começa a detectar, no ar, indicações de que o cansaço da sociedade brasileira em relação a Delfim, Galvães, Langoni, começa, afinal, a alcançar o centro do poder. Não lhe conviria assim pegar na alça do caixão.

Além de velhas mágoas, o PDS tem descontentamentos recentes, fresquinhos. Está irritado com a ostensiva tentativa da tecnocracia de afundar o acordo firmado com o PTB de Ivete Vargas. Seu líder, Nelson Marchezan, corre o risco de quebrar a cara se ficar patente que o Governo tira com a mão o que dá com a outra. Tanto ele quanto Ivete se prestariam a triste papel, perante a opinião pública, se se positivarem indícios nesse sentido. Precavidamente, Marchezan se aproximou ainda mais do ministro Leitão de Abreu em busca da conciliação possível entre o PDS e a gestão econômica.

E que há outros sintomas de que a tróica da economia já não é mais tão sólida.

Os pedessistas recebem apelos até de ministros de Estado no sentido de que advirtam o Presidente João Figueiredo para a gravidade da situação econômico-financeira, na impressão de que o chefe do Governo não está recebendo informações exatas sobre a gravidade da crise. Captar sintomas de fragilidade da tróica quando o próprio Presidente da República é obrigado a anunciar que assume a responsabilidade pela edição de novas medidas, tão baixa anda a credibilidade de seus auxiliares diretos.

Como se vê, a coisa anda tão preta e até o PDS engrossa o pescoço e põe de quarentena os gestores de nossa economia, na expectativa e no desejo de mudanças que possam infundir novamente confiança na sociedade brasileira e no exterior para superação de nossas dificuldades.

Pode ser que o Governo persista em seu paquidérmico imobilismo. Pode até ser que venha a agir, antes que seja tarde.

OFENSIVA

O ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, na tentativa de motivar o PDS, foi à guerra contra os governadores do Pará, Jader Barbalho, do Paraná, José Ricalha e do Espírito Santo, Gérson Camata.

CREDIBILIDADE

Não há um só setor da sociedade apoiando ou confiando no governo, diagnostica Fernando Lyra, propondo acordo de alto nível para assegurar a estabilidade institucional. O Governo, contudo, nem se mexe nem se dobra. Esperando o quê? Godot?

SUBSTITUIÇÃO

O Governo bola campanha para reduzir o consumo de trigo. Não pode propor a troca por arroz porque precisa importar arroz também. Que tal?

LUSTOSA DA COSTA